

BATAKERÊ

ENTREVISTADOS:	Pedro dos Santos - (Pedro Peu) Josué Silva Soares - (Josué Bob)
Localização da atividade:	Comunidade Santa Inês
Área de Atuação:	Dança - Musica
Data da entrevista:	23/08/2020
Entrevistadores:	Fernando Filho e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

O Grupo Batakerê surgiu em 2000 a partir do encontro de cinco jovens da Zona Leste de São Paulo com o artista e Educador Pedro Peu. Uniram-se em torno da vontade de pesquisar o cruzamento entre a dança, música e brincadeiras presentes nos ritmos e danças da cultura popular brasileira.

ENTREVISTADO:

JOSUÉ SILVA SOARES (JOSUÉ BOB)

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Josué Bobby Batakerê – Olá, tudo bem? Eu sou o Josué, é... mais conhecido como Bobby e artisticamente conhecido como Josué Bobby. É... Moro numa comunidade chamada União de Vila Nova, né, que foi apelidada aí de Pantanal por ser... no início ter muitos... muitos... muitas lagoas, né. Tinha capivara e é uma área de aterro, né, que fica do lado ali do Rio Tietê. Então, tinha esses... esses... esses... esses... essas coisas que foi apelidado de pantanal, né, por ter jacaré, sapo, capivara e por aí.

É... Eu fui convidado, né... Eu fazia parte de uma ONG chamada Centro de Educação Popular da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, onde o Pedro Peu ministrava aula de percussão e capoeira, onde eu me interessei, comecei na capoeira, né. E automaticamente, como eram as duas oficinas juntas, né, de dias diferentes, né, eu fazia parte das duas. É... Mais pra frente me identifiquei mais com a percussão que é com o quê eu trabalho hoje. No final... que... quando eu fui completar 16 pra 17 anos, que era a idade máxima pra ONG, é, tipo, de 16 pra 17 anos.

E depois disso é... não podia fazer mais parte das atividades, né. Mas a gente poderia chegar lá e visitar, mas não fazer parte da... da... de matriculados da ONG, né. E no final de... eu e mais boa parte da galera que vinha a integrar o Batakerê mais tarde, fomos convidados pelo Pedro, né, ele preocupado com o que a gente ia fazer. É... que tipo de... de... de continuidade, né, que tipo de estratégia ele ia usar pra nos deixar conectado com a arte, né, que é o que a gente fazia nessa ONG.

É... Aí ele teve a ideia de fundar o Batakerê, o grupo Batakerê. Inicialmente surgiu como banda, né. É... ele teve essa ideia pra pegar esses jovens, né, nesse momento... na verdade, esses jovens e pessoas mais adultas, né. Aí eu vou citar ai tipo o Edson Jacaré, o JE. Tico e o Gilmar né, que são as pessoas mais velhas, juntamente com o Pedro Peu e mais a galera que tava saindo da ONG, né, que era eu, Silvana, Marcio, Allan, é uma galera aí que ele acabou convidando pra banda Batakerê. Como banda, eu fui convidado pra... como eu sempre tive, me identifiquei muito com a percussão, automaticamente o Pedro me convidou pra ser um dos percussionistas da banda, né. É... Tocar surdo, alfaia e percussão que usava o grupo, né.

Hoje, atualmente, eu atuo como um dos diretores musicais do grupo, né. E... Aí eu faço, juntamente com o grupo, né, a parte de criação musical. É... Dentro do espetáculo específico, né. Lógico que a gente faz várias criações... eu fico nessa função de dirigir a parte musical. Cuidar dos instrumentos também. Essa parte toda musical aí é comigo.

O Batakerê sempre teve... Uma coisa que é interessante no Batakerê é que esse processo de criação é sempre, na maioria das vezes, um processo coletivo, né. É... Por mais que uma pessoa ou outra traga algo diferente, mas é sempre compartilhado no coletivo, na onde a gente tem... aonde é feita toda essa criação, tanto musical quanto é... de dança também, né, até na parte coreográfica do grupo. É... Tem, tem essa criação coletiva, né. Certo que tem várias outras linguagens é de pessoas que vai buscar, né, com esses mestres vai fazer essas aulas e traz pro grupo.

O último processo criativo do Batakerê foi o espetáculo “Girar”, né. Que tem as manifestações como a capoeira, jongo, tambor de crioula e o samba de roda. Essas quatro manifestações, né. O processo do “Girar” é... é uma viagem dentro dessas quatro linguagens, né, através da... sempre através da capoeira. Começa, é... Sempre esse encontro com a capoeira como referência, né.

E... Daí onde a gente tem as aulas com os mestres, né, do jongo, é... do samba de roda, e do tambor de crioula, né. Esses mestres vem pro Batakerê pra dar oficina pra gente, né, tanto de dança quanto de ritmo, pra através dessas oficinas, através dessas vivências com o mestre... com os mestres e mestras, a partir daí a gente desenvolve o espetáculo “Girar”.

É... Na verdade, a parte musical... É... Eu disse que eu sou direção musical, na verdade é a parte que tipo de marcar ensaios, é... é... como eu disse, né... Tá a frente mesmo né. Tá a frente desse corpo musical. É, como eu disse né, as criações são sempre coletivas é... eu busco referências sempre tipo da manifestação específica que a gente vai trabalhar. Por exemplo, o tambor de crioula, acabo pesquisando muito é... lendo mais coisas rítmicas, né, pra trazer a ideia pro grupo, né. É nessa criação coletiva tem... sempre passa por todos: “o quê vocês acham de fazer isso, isso aqui, bá bá bá... sempre essa... eu fui... a parte de direção musical, só pra deixar específico, é... de cuidar mesmo do instrumento, de marcar ensaio. É ensaio pra dança, é ensaio separado. Então, mais essa função, assim!

Hoje, né, como percussionista e arte educador também eu ministro aula de musicalização através da percussão. É... Tenho alguns alunos particular e também trabalho ministrando oficinas em ONG’s, né. A maioria delas no entorno aqui da Santa Inês, né, e Ermelino Matarazzo.

Eu vou falar um pouco do processo do “Girar”, né, que foi um lance... O “Girar”, ele foi um espetáculo montado pra ser apresentado em local aberto, né, tipo feiras, praças. E o interessante desse espetáculo é... a gente acabou alcançando muitas pessoas através do... pessoas que a gente nem imaginaria que iria atingir, né. Por exemplo, é... é... através daquela manifestação da apresentação do espetáculo na praça, na feira ou em qualquer lugar aberto, é... pessoas passam, né, às vezes param, ficam um tempinho e saem. Aí tem as pessoas que a gente acaba convidando, né, porque, vai... através da divulgação do espetáculo vem pessoas pra assistir. E... e... esse contato, através desse espetáculo “Girar”, esse contato ficou cada vez mais vivo, assim, né, as interações, né, com o público. Ficou bem forte assim. Hoje na Santa Inês o Batakerê tem uma coisa bem forte né que é esse contato diretamente com a comunidade, né, através das manifestações. É... que é um público difícil de atingir, né, fácil você desenvolver uma atividade e convidar a galera pra dentro e os da própria comunidade a gente não consegue atingir. Então,

esse diálogo hoje, Batakerê com a comunidade é bem mais vivo, né. É tipo esse contato também, mas, mais afetivo, né.

Desse projeto, por exemplo, do espetáculo “Girar”, ele é feito em praças... Por exemplo, é... na Santa Inês mesmo, a gente tem uma praça que a gente faz as atividades que é chamada de... que a gente apelidou de “quintal do Batakerê”, né, onde a gente faz essas atividades, além de circular dentro da comunidade mesmo, não são só esses espaços específicos, têm vários outros que a gente desenvolve as atividades.

Eu vou falar tipo um pouco antes, né. Desde o início, assim que eu tive contato com a capoeira e a percussão, é... quando tinha as apresentações, dentro desse processo aí, é... tanto de capoeira quanto de percussão, tinha uma banda na ONG, né, é o centro de educação, e chamava “Banda Juventude da Vila”, né, onde a gente consegue fazer várias apresentações, fazer com que o Jornal Folha de São Paulo viesse até a comunidade tirar foto, apresentações de SESC, é sempre através do Peu, né, que ele sempre articulou, sempre correu nesses contatos pra fazer a gente aparecer, né. E... Toda minha família, minha mãe sempre ela me apoiou, sempre apoio assim, que ela viu que eu gostava, que é o que eu gosto de fazer até hoje. Meu pai teve uma certa resistência, né, porque... tem uma... é bom falar assim... eu na verdade cresci na igreja. Meus pais são evangélicos até hoje. E quando eu tive esse contato com a arte, com a cultura, é... eles achavam, tipo teve lá apresentações, por exemplo, que eu tava louco pra ir, né, isso ainda aluno da ONG, né, tava louco pra apresentar, ensaiava tanto pra chegar na hora meus pais não... acabavam não deixando eu ir, por conta de... não sei se o medo é... tipo, eu não sei o que se passava. Mas tinha essa resistência deles. Hoje, já era, já vê que não tem jeito é o que eu gosto de fazer. E é isso! (Risos).

Acho que momentos de alegria são todos os momentos, né, a partir do momento que a gente se reúne, né, é... pra fazer o que a gente gosta de fazer, né. Na sua grande maioria, quando dos contatos com a comunidade, né, é sempre um momento de muita alegria assim, né. Acho que falar de um específico vai ser bem difícil pra eu lembrar. Mas, teve vários momentos sim de... de... de a gente pensar em desistir, né, onde a gente não... “E aí, o quê que a gente vai fazer?” “Vamo continuar, vamo seguir”. Tipo, a crise ela acontece com todos os grupos, né, que decidem trabalhar com arte, né. É, a gente sabe aí das dificuldades, né, de conseguir acessar os editais, né, até consegui mandar o projeto, esse projeto ser aceito pra gente desenvolver. Mas,

independentemente desses editais, independente de um incentivo financeiro do poder público, o Batakerê teve e tem essa vontade, né. Independente de grana ou não a gente tem sempre essa vontade de trabalhar, né, fazer o lance acontecer, né, como diz o Peu, né, fazer a coisa acontecer. Então, é isso aí!

Fernando CPDOC – Você já pensou em desistir?

Josué Bobby Batakerê – Muitas vezes! Já, várias vezes pensei em desistir. É, nesses momentos de crise, né, quando a gente não consegue nem trabalho pessoal, é pra você mesmo assim, né, pra dar aula em outros locais... Enquanto grupo também, né, eu me sinto... várias vezes aconteceu de eu pegar... e até mesmo já mandar currículo pra empresa e... e... e hoje eu falo “ainda bem que não me chamou, né”, se não talvez eu não estaria aqui dando essa entrevista, por exemplo, né. Mas, momentos difíceis passamos vários aí. Tem aí, mas a gente pega e arruma força pra conseguir seguir em frente.

Quando eu pensei em desistir, justamente por isso, né. Não tinha um trabalho, as contas... as contas não deixam de chegar, né. Eu sempre em casa – eu moro com os meus pais né – eu sempre tenho essa função... sempre coloco pra mim de ajudar de alguma maneira em casa. Claro, pagando uma conta, comprando uma coisa aqui outra ali, mas sempre é... coloquei pra mim de sempre tá ajudando nessa parte financeira. E quando essa grana não vem, quando passou esse momento de crise, talvez os pais não falam, mas a gente percebe né “puta, e aí, como que vai, como que vai acontecer, não vai trabalhar não”. E aí, “cê tá pensando em continuar nisso”, tipo... por mais que eles não falavam, eu percebia isso, né, e me cobrava, né. Infelizmente, a gente... eu ficava meio que inquieto com essa... infelizmente com esse não acesso ao trabalho remunerado.

Eu vou falar um pouco de mim assim, né, inicialmente. Antes de acontecer tudo isso que tá acontecendo, essa pandemia, é... eu tava com alguns trabalhos, né, como eu disse eu tra... eu tra... além do Batakerê eu toco com outros grupos também, né. Um deles acho que é legal de falar é o “Bloco Tarado Ni Você”, né, sou um dos percussionistas do “Bloco Tarado Ni Você”. Então, é um bloco que homenageia a obra de Caetano Veloso, né. Então, a gente toca as músicas de Caetano. É... E eu sou um dos percussionistas desse grupo. Tinha várias coisas pra acontecer, né? Principalmente shows, né, eventos, né, é... onde o público era presente, né. É... Acho que

foi... Atingiu dessa maneira, né. Acho que... A gente não conseguiu... Através... Quando não tem essas apresentações, normalmente a gente não vai receber, né. Não tem esse... esse... essa remuneração. Mas, quanto Batakerê, o Batakerê, acho que, a gente costuma sempre falar, a gente não parou, né, a gente parou das atividades presenciais, né, é... mas o Batakerê dentro da comunidade Santa Inês fez várias campanhas, né, é... conseguiu vários, vários... conseguiu através dessa campanha cestas básicas, né, pra comunidade. Onde essas campanhas ainda tá acontecendo até hoje, né, sempre, então, nessas parcerias. Não tamo nas atividades presenciais, mas as atividades como “live” para o público né, tentando de alguma forma acessar eles, né, pra não deixar eles com saudades, né, e a gente também com saudades deles.

Eu e minha família ainda não tive, né. Tive minha tia que recentemente teve e testou positivo, mas que se recuperou e graças a Deus está tudo bem com ela. Percas ainda não tive por conta do covid. As pessoas mais distantes assim, né, não pessoas próximas.

É, eu falei um pouco das apresentações que não estão acontecendo por conta do... do... porque a gente não pode estar junto mais, né, é por enquanto. É, eu tô desenvolvendo algumas vídeo-aulas, né, nessas ONG's que eu tava dando oficinas. Inicialmente tinha parado tudo. Então, eu fiquei sem trampo nenhuma assim. Tipo, depois de três meses, quatro meses que eles pegaram e falaram “e aí, como é que a gente vai fazer esse ano?” Aí onde teve essa possibilidade de eu ministrar essas oficinas, confecção de instrumento até mesmo oficinas rítmicas através de vídeo, né. Hoje eu utilizo esse espaço, por exemplo, que a gente está, pra gravar esses vídeos pra acessar os meus alunos aí.

Eu como percussionista, né, por estar nessa função de cuidar dos instrumentos, né, trouxe pra mi pra cuidar, então, acho assim que todos os objetos que o Batakerê têm aqui hoje através de projetos que a gente conseguiu... Acho que a maior vitória nossa assim em 2018 foi conseguir pegar o Fomento à Cultura da Periferia, né, aonde a gente conseguiu é alguns patrimônios, assim, a gente diz assim... comprar uma caixa de som, instrumentos de percussão, que até então a gente nunca teve, nunca mandamos um projeto assim com grana é possível de comprar esses instrumentos, né. Acho que a maior vitória assim que eu levo assim como uma das coisas que eu cuido bastante, né, que eu procuro cuidar bastante é os instrumentos de percussão, como os surdos que a gente não tinha. A maioria das vezes a gente ia fazer nosso próprio carnaval na comunidade, a gente pedia instrumentos emprestados que a gente não tinha. Acho que uma

coisa interessante, uma conquista que eu cuido bastante assim, né, não só eu, como toda pessoa que faz parte da música do Batakerê cuida também. Então, esse é um dos patrimônios assim que eu peguei é pra cuidar!

ENTREVISTADO:

PEDRO DOS SANTOS (PEDRO PEU)

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Pedro Peu Batakerê – Eu sou Pedro dos Santos, né, conhecido como Pedro Peu. Eu sou de Feira de Santana, Bahia. Feira de Santana uma cidade maravilhosa, cidade muito bonita. Aí eu tenho como referência artística, né, eu sempre falo isso, a minha mãe. Porque minha mãe ela era sambadeira, né, ela era e é sambadeira ainda. Eu tenho muitas memórias aí ó que quando a minha mãe ia pra casa da mãe dela que é minha vó, é dona Matilde, né, e na roça que era no bairro de Barro Vermelho, que é um distrito de Santo Amaro da Purificação, eu vivenciei muitas coisas, né. Então, folia de reis, né, samba de roda, Festa da Lapinha, eu via tudo isso, né. Então, a minha fonte de inspiração artística, né, foram as vivências que eu tive com a minha mãe principalmente, né. Quando eu falo minha mãe é porque era ela quem me levava, né, aí quando chegava lá na roça tinha os tios e as tias, né, que faziam as festas também, as folias de reis que a gente tinha. Então, meu primeiro contato com a arte foi a vivência com os meus parentes, né, na roça. Isso acho que é uma riqueza gente muito grande. Uma riqueza que não é que eu ia pesquisar o negócio, eu vivia, né. Essa é a minha história, essa é a minha arte que eu trago hoje foi através das vivências. Diferente de Feira de Santana que é onde eu nasci, né, que eu ficava sempre a estudar, né, em Feira de Santana que é onde eu nasci e a roça Barro Vermelho em Santo Amaro que era onde a minha mãe, né, e meu pai, eles nasceram lá. Eu ficava sempre assim: Feira, cidade grande; e o interior, né. E aí em Feira de Santana foi quando eu... eu comecei a capoeira, né. Então, a capoeira pra mim foi um contato muito importante, por quê? Eu sempre falo que a capoeira pra mim é o ponto “x”, né. Por quê o ponto “x”? O “x” é o ponto! Que ela faz ligação pra tudo na minha vida, sabe, com a arte.

E quando eu começo a capoeira em Feira de Santana eu via a capoeira na rua, né, nas festas como antigamente e a gente sabe muito bem que as culturas afro-brasileiras, né, aconteceram muito na rua, né. E quando eu via, por exemplo, um mestre passando com o berimbau, isso, eu criança, fala “nossa, o quê é isso aí? Eu quero ser um capoeirista”, né. Aí eu começo ir nas festas de largo, né, em Feira de Santana. O que é festa de largo? São as festas... como aqui em São Paulo, né, tem, é... sei lá, festa junina, por exemplo, né, acontece em algumas igrejas, né, católicas, isso acontecia muito aqui em São Paulo. E hoje acontece em muitos coletivos, né. Muitos espaços de coletivos hoje. Então, lá em Feira acontecia nos bairros, né, então tinha uma festa chamada Festa da Matriz, né, na igreja principal lá de Feira de Santana. E a Festa da Matriz acontecia uma vez por ano, né. Então, era uma semana de festa, várias barracas, né, e sempre tinha capoeira, né, como, é, como um ponto de encontro desses capoeiristas. Então, era muito comum. Então, tinha o Micareta, que era um carnaval fora de época, né, em Feira de Santana também, que é... tinha capoeira, né. Então seja, a Festa Canilândia, também era uma outra festa num outro bairro. Então, todas essas festas aconteciam isso: samba de roda, capoeira, tudo o que você imaginar. E eu vivenciei isso né.

Aí eu lembro que quando eu via esses mestres jogando capoeira eu acha aquilo tipo “nossa, quem dera um dia, né, eu iria estar jogando capoeira aí”. E aí eu... eu quando eu ia pra festa a noite eu ficava torcendo pra chegar o outro dia de manhã pra eu poder jogar capoeira, né. Pra poder repetir os movimentos, né, que eu via aqueles capoeiristas fazendo. Então, isso pra mim foi muito importante, né, porque eu vivenciei essa cultura de rua, né. Então, andar com o berimbau, né, naquele tempo, era também uma forma de resistência, né. Era também uma ação política. Porque a capoeira, né, foi mal vista por muito tempo, né, não só a capoeira, mas a cultura afro-brasileira, a cultura Africana, ela sempre foi muito mal vista, né. E o capoeirista também. Então, andar com o berimbau, né, quando eu via, pra mim era muito interessante que pra mim ali eu já via como uma ação política, né, como uma ação de resistência. Então, quando eu comecei a andar com o berimbau também, quando eu começo a fazer capoeira, foi muito legal, que eu me sentia “nossa, empoderado”, né! “Tô aqui, consegui!” Então, pra mim foi uma forma muito importante até mesmo de me assumir como negro, né, como preto. Foi na capoeira que eu comecei a ter respostas, né, pra muitas provocações que eu tinha dos meus amigos para mim como um homem preto. Então, foi a capoeira que me trouxe essa saber, esse conhecimento, esse empoderamento pra poder falar para as pessoas, né.

Aí quando em 1989, quando eu recebo um convite de um primo meu que ele morava em São Paulo já... E essa coisa do nordeste, né gente. Sabe muito bem que as pessoas, principalmente

quando eu falo do nordeste, que vem pra São Paulo, né, naquele desejo, né, de uma vida melhor, né. E aí eu também fui um desses, né, fui um retirante, que eu saí da minha cidade porque eu tinha um objetivo de ajudar a minha mãe, né. Então, com 16 anos de idade, tive essa oportunidade e aí eu venho para São Paulo, né, mais nessa ideia de vir e construir essa minha história em São Paulo artisticamente. E aí eu tinha um objetivo muito importante: que eu ia ser famoso segundo minha mãe falava, quando eu era pequeno, né. Porque ser famoso, porque eu via aqueles artistas na televisão e eu queria ser famoso, né. E aí hoje eu entendo porque eu queria ser famoso, né, porque queria proporcionar para alguns jovens, né, quando eu chego em São Paulo, por exemplo, que eu venho da Bahia pra cá, o que eu vivenciei na Bahia, né. Mesmo sabendo que... e também, por eu ter passado por questões na Bahia, por exemplo, de não poder pagar uma capoeira, uma mensalidade de capoeira, né. Eu via meus amigos lá, né, branco e tal que treinava capoeira e pagava. E eu o homem preto, né, treinava capoeira e não conseguia pagar. Então, eu fui trabalhar de servente de pedreiro, com 12 anos de idade, pra poder ter um dinheiro pra poder pagar a capoeira. Então, eu queria proporcionar, através do meu conhecimento, né, espaços que outros jovens pudessem praticar essas artes, né, sem poder... sem precisar pagar, né, sem precisar passar por essas questões que eu passei. Então, eu tinha esse objetivo, né, então hoje eu entendo naquele tempo o que era ser famoso pra mim, né.

Aí quando eu chego em São Paulo em 1989, que teve uma coisa muito interessante que aconteceu que foi o quê: quando eu vim pra cá falei “nossa, como vai ser minha vida em São Paulo, né?” Eu tenho até uma música que fala... que fala um pouco sobre isso, né, que eu pensava como seria em São Paulo, nessa grande metrópole, né, e será que eu ia me perder? Será que eu ia perder de vivenciar a minha cultura? Aí eu tive... não sei se eu falo sorte, né, você foi... as energias, né, as energias dos nossos orixás, dos nossos... né, que me levou pra um lugar muito interessante aqui em São Paulo que eu vim morar em Ermelino Matarazzo, né, que é onde estou hoje, Ermelino Matarazzo. E aí... óia, veja que interessante... Eu vim morar em uma casa, quatro casas após a minha tinha um movimento negro, que eu falei “nossa já me encontrei, né”. Quatro casas depois da minha tinha o movimento negro que meus primos que moravam aqui em São Paulo eles não participavam do movimento negro, mas eles tinham contato já. Então, quando eu chego vejo isso e foi bom pra caramba, né. Aí eu começo a participar desse movimento negro, né, e meus primos eles também tocavam percussão, faziam capoeira também é... não estavam praticando tanto em São Paulo, mas eles tinham ali se encontrado em alguns momentos pra poder cantar, tocar e o Mário, meu primo que me trouxe, ele fazia capoeira também, né. Então, a gente meio que ficou ali. Aí quando eu começo a participar desse

movimento negro, né, depois de uns seis meses eu começo a praticar capoeira com um mestre chamado mestre Delicado, que era um mestre que era parceiro do movimento negro, né, que era o Grupo de União e Consciência Negra chamado GRUCON, né. Aí quando eu conheço o GRUCON eles me apresentam o mestre Delicado que era parceiro do grupo, né, que quando tinha eventos, né, do movimento negro o mestre Delicado vinha fazer roda de capoeira, né. Aí eu começo a treinar capoeira com o mestre Delicado na Penha, né. Então, eu saía de Ermelino Matarazzo ia pra Penha.

Aí interessante também, né. Quando eu chego em São Paulo, estava muito bem aqui, não tem trabalho véio. Então, a gente passa pelo processo aí, né, um processo de resistência muito forte, que é muito comum no nordestino, né. Na realidade você vê nordestino chegar aqui e ficar muito bem estabelecido, né, muito bem organizado financeiramente mesmo. Então, eu passei por isso também de ficar aí um ano resistindo comendo arroz todo dia na hora do almoço pra poder conseguir resistir em São Paulo, né. Aí quando eu entro na capoeira na Penha, eu também não tinha grana pra poder pagar nem a capoeira nem pagar a condução, né. Então, eu furava o trem de Ermelino Matarazzo, né, eu vinha de Ermelino Matarazzo. Teve até um fato interessante que quase um dia o trem me atropelava, né, o trem quase atropelava mesmo, quando eu furei bem. Eu fiz até uma música né chamada “Para, para”, que falava um pouco disso, né, “para que lá vem o trem”. Então, foram vários processos interessantes, né, que isso... isso só fortalecia em mim, né, essa ideia de pensar em um projeto, em um grupo, né, em poder proporcionar essas vivências pros jovens de uma forma mais tranquila, né, que não fosse tanto sofrimento, né.

E aí quando eu começo a praticar capoeira com o mestre Delicado, na Penha, né, veio a proposta do grupo, né, que eu participava do movimento negro, pra eu dar uma capoeira junto com o meu primo, né, no grupo. E aí nós tínhamos uma parceria no movimento negro, né, com a igreja católica que era muito forte na década de 1990, né. Essa relação dos movimentos com a igreja católica, né, que é onde que tinham os comitês, né, os partidos políticos, no caso na época era o PT que a gente conseguiu participar também, né, desses movimentos que era muito forte. Essa ligação, né, era muito forte. Então, era muita resistência nos comitês do movimento negro, né, as igrejas. Aí eu começo a dar aula lá nesse salão, né, e foi muito interessante que eu tinha... ia fazer 17 anos, né, bem jovem ainda, eu e meu primo que dava aula de capoeira. Então, pra mim ali, dando aula de capoeira nesse movimento, já foi o primeiro movimento político de resistência em São Paulo, pra mim enquanto formação né, como emprego e como homem e artista preto em São Paulo, né. Então, pra mim foi muito importante, né, essa relação de chegar

nesse bairro de Ermelino e já ter tudo isso aí de uma forma ali – pra mim uma cama. E aí pensando em acolhimento, rolou um lance muito interessante, tinha uma senhora chamada Dona Tereza, que era uma nega véia, né, era a nossa matriarca, a nossa nega véia assim do movimento negro que apoiava a gente, né. Então, a Dona Tereza, pra gente, era como se fosse a nossa mãe, né. Então, eu saio da Bahia, deixo minha mãe na Bahia, minha linda e maravilhosa rainha mãe, chego em São Paulo e encontro a dona Tereza que é uma senhora que eu também vi nela uma pessoa importante pra mim, naquele momento, né.

Então, essa relação minha com esse movimento negro foi muito importante que começou a me levar pra toda a cidade. E todo movimento negro que eu conheci o Jorginho e a Solange. O Jorginho ele era do Sindicato dos Químicos, né. Aí eu começo a dar aula de capoeira já com 19 anos de idade, no Sindicato dos Químicos, né, aí começa a minha a ação política também já junto com os partidos, né, enfim. Então, eu começo a desdobrar, começo a sair de baixo de Ermelino Matarazzo, né, e começar a circular já mais na cidade de São Paulo, mas sempre mantendo o foco aqui.

E aí indo agora para a criação do Batakerê, eu já em São Paulo, né, aí uns cinco ou seis anos em São Paulo, né, já trabalhando com todas essas linguagens, né, que é a capoeira, a percussão e a dança em São Paulo já que a gente desenvolve esses trabalhos em vários lugares. Eu começo a pensar como fazer o trabalho pela comunidade, que algumas pessoas chamam de favela, pela comunidade porque eu queria que esse movimento ele potencializasse outros jovens. Aí eu começo a pensar assim poxa, mesmo que a periferia de Ermelino Matarazzo é uma periferia, mas tem uma outra periferia que é invisível, né, que são as comunidades, que é a favela, né. Aqui tem os bairros, né, aí tem a favela que é um outro lugar, um outra periferia que até pessoas que moram nesse bairro não adentram, né, não conhecem, né. Então, eu queria fomentar isso na comunidade, né, que, né, que precisasse mais, né, enfim. Aí quando eu começo a... a...a... eu trago a proposta, né, pro centro de educação Nossa Senhora Aparecida que é uma ONG aqui dentro da comunidade, muito importante, né, muito... tem um trabalho de mais de 30 anos na comunidade, né, uma potência, né. E aí eu começo a desenvolver o trabalho de educação aqui na Santa Inês, né. E aí quando eu começo esse trabalho muitos jovens de várias regiões, né, aqui da comunidade, da União Vila Nova, né, que é uma outra comunidade que alguns chama de Pantanal, começaram a praticar e a fazer algo com a capoeira, né, capoeira e percussão. Então, aí começa esse trabalho meu aqui dentro que eu amava e amo até hoje que pra mim tem muito significado, né. Porque eu como jovem preto, né, criança preta que passei várias histórias,

né, dentro da minha própria arte, né, então, por eu proporcionar isso pela comunidade isso é muito importante, né.

E aí é quando a gente é... eu penso em criar um movimento, né, aonde a cultura e a arte desse povo preto não só fosse vista, né, como uma ferramenta pra tirar jovens das drogas, né. E sim que todo jovem, né, tem que ter contato com a cultura dele, né. Se não fica esse lugar que a cultura negra, preta é só pra tirar o jovem, não. A cultura preta faz parte da nossa identidade cultural, né. Então, eu começo a pensar um movimento, queria pensar um movimento que fosse para além de tirar o jovem da rua, né, que fosse também isso, que naturalmente acontece, mas que fosse esses saberes e que pudesse dialogar com esses saberes, né. E aí pensando em oralidade, que é o quê o Batakerê trabalha bastante, né, em oralidade, essas informações e conhecimento são passados aqui, né, corpo a corpo, né, é passado aqui... é oral mesmo! Então, eu falo “não, então a gente tem que conversar muito com esses jovens, né, e tentar passar isso pra eles né”. Então, quando eu começo a pensar nesse movimento, que aí eu penso que vamos convidar, né, alguns jovens que já estavam comigo há um bom tempo, né, na ONG fazendo aula comigo de capoeira e percussão. Quando esses jovens chegavam a 17 anos de idade, 18 anos, né, eles saiam dessa ONG. Então, eu falei, vou pensar algum movimento que depois que eles saiam que eles continuem, né, que eles não parem, porque é muito comum na comunidade o jovem ele vai, vai, vai e aí ele para porque tem que trabalhar, tem que se virar, tem que ajudar em casa. Então, eu falei meu como é que podemos pensar um movimento aonde esse jovem ele se sinte, se sinte dentro, né, que ele não desista, que ela não saia. Aí é quando eu penso em criar e aí eu trago a ideia de fundar o Batakerê, né. Então, eu sou o idealizador do Batakerê e um dos fundadores, né. E aí eu pensei: “como eu crio esse movimento?” Comecei a chamar três jovens, na época foi o Marcio Break, né, a Silvana de Jesus e o Allan, ambos alunos, né, meu aqui, aprendizes, né, de percussão e capoeira, e convidei mais duas pessoas um pouco mais velhas que era pra gente poder fazer esse cruzamento, né, do pensamento mais jovem e do pensamento da galera que já estava na estrada aí que foi o JE. Tico, né, que é um grande, Tico é maravilhoso um grande artista, e o Jacaré, o mestre Jacaré, que também é percussionista e capoeirista, que também praticava comigo, né.

Então, todas essas pessoas que eu convidei eram pessoas que viviam comigo, né, que faziam aula comigo, né. Então, foi muito legal essa troca de passar de um professor, né, e tal, pra uma relação de troca ali igual, né, uma relação bem legal assim essa construção com eles. E a gente funda o Batakerê. Só que o Batakerê ele... ele... a ideia surge aqui em Matarazzo, né, aqui na comunidade, mas a gente é... tem a ideia e o grupo realmente ele nasce em São Miguel, né, na

casa de cultura... casa de cultura de São Miguel, antigamente era ali na... na... como é que chama ali... na Avenida Marechal Tito, né. Onde o Passarinho era o coordenador de cultura e o Júlio também, então, o Batakerê começa a ensaia lá, né, então, começa essa relação onde o Batakerê surge como uma banda, né. Aí por que como banda? Porque a gente pensava que, como a gente queria passar a mensagem, né, sobre essas históricas, sobre a questão da negritude, sobre a questão da cultura afro, a gente acreditava e acredita que a música ela chega mais rápido. Então, por isso a banda, entendeu? A gente surge como uma banda por isso. E essa banda a gente já tinha uma ideia que hoje chamam de... de... de... como é que é, artes integradas, né, a gente já teve a ideia de fazer isso aí, a gente fazia isso: que era a música, a gente tinha cena de circo e tinha dança. E a ideia nossa era o quê: que todas as pessoas do grupo, né, dançasse e tocasse. Então, o Batakerê surge com essa ideia dessas... dessas... dessas... dessas... dessas artes aí integradas, né, e foi bem interessante, foi muito legal.

E aí o Batakerê ficou aí... Nós surgimos em 2003, né, 2003, né! Nosso primeiro show foi em setembro, que foi inclusive na Subprefeitura de São Miguel, em um evento que a casa de cultura de São Miguel fez e o Batakerê foi convidado, porque o Batakerê surge aí oficialmente, né, como um grupo de arte, em 2003 como uma banda, né. E aí em 2003 mesmo a gente queria ampliar esse lugar, que nós estávamos em seis pessoas, né, eram seis. A gente queria ampliar essa história com outros jovens. Aí a gente escreve o VAI. Então, nós ganhamos o VAI, na primeira edição nós ganhamos o VAI, que hoje é VAI 1, né, que antes era só VAI, né, como tem o 2 agora fala VAI 2. Então, a gente ganha o VAI, né, aí, qual foi a proposta, foi a de trabalhar com trinta jovens, né. Então, onde esses seis membros do grupo passavam... davam aulas pra esses jovens e também nós fizemos essas aulas na casa de São Miguel também. Então, nós usamos o espaço de lá da casa de São Miguel e depois nós usamos um pouco também o CEU São Carlos, né, que aí quando o CEU surge, nós usamos a casa de cultura São Miguel e o CEU pra desenvolver esse projeto durante um ano. E aí foram trinta jovens em vários lugares, né, Itaim Paulista, daqui de Ermelino, de São Miguel e foi bem interessante que no final a gente fechou como resultado do VAI um espetáculo chamado “Ritmos e danças”, né. E quando acabou esse projeto durante um ano a gente falou “galera: quem quer continuar com o Batakerê?” Ficaram umas quinze pessoas, né. E aí a banda dá uma parada, né, e aí o Batakerê, esses quinze que ficaram, né, se juntaram com os seis, né, e aí a gente deu continuidade nesse espetáculo chamado “Ritmos e danças” que a gente começou a circular. Então, mudou um pouco a chave aí, né, porque antes era banda, né, e a dança como elementos da cultura, agora é a dança a linha de frente e a música como apoio, né. Então, o Batakerê se tornou na verdade um

grupo de dança com música ao vivo, né. Então esse foi o primeiro processo do Batakerê que a gente teve é quando a gente surgiu.

Fernando CPDOC – Por que esse nome Batakerê?

Pedro Peu Batakerê – Esse nome Batakerê cara é... O nome Batakerê é muito interessante que é o seguinte: a gente ficou pensando que nome daria pra esse grupo, né. Aí a gente falou “poxa...”, a gente pensou vários nomes, né. Comunidade Erê, vários né, só que não colava, né. Aí eu lembro que eu fui pra Bahia com o Edson Jacaré e meu sobrinho pensando que nome a gente daria, né, aí a gente começou a fazer a junção, né, então Bata é um ritmo, né, de um instrumento Africano, o Erê é criança, né, e o K a gente colocou pra dar sustância ao nome, né, e o nome também da o sentido de “querer”. Entende? Então, a gente fez essa montagem com esse nome... então, ele não é um nome fechado, Batakerê é um nome aberto, né. E a gente entende que como a gente também nesse processo nosso com as pessoas tem várias... ali tem vários sentimentos, várias vontades e vários desejos, né. Então, a gente pensou num nome muito mais aberto. Então, o Batakerê... o Bata é um instrumento, o ritmo, né, o Erê é criança e o K, pra dar sustância no nome também, dá o sentido de querer. E interessante que até virou uma brincadeira que tem gente que fala assim ó: “basta querer!”, né. Basta querer! Mas não nessa ideia da meritocracia, né, isso não, entendeu. É uma brincadeira de “meu, vamos lá, de acreditar”, sabe? Então, o Batakerê tem muito esse lugar, sabe? Do acreditar! Vamos lá, é difícil, mas vamos lá, vamos botar pra quebrar, porque se a gente... não pode balançar, né, que aí o inimigo vai abraçar a gente, né, então vamos seguir. Então, esse nome ele vem como uma potência mesmo sabe? No sentido de vamo lá, vamo batalhar, a luta não é fácil. Inclusive o nosso símbolo, ele vem de uma ideia de escada, né. Se você olhar o nosso símbolo ele é um tambor, uma alfaia, né, que virou... ficou parecendo... que parece um... esse símbolo, tá vendo? Ali, símbolo! Ele... aqui! Ele é uma alfaia deitada, né, aí dá uma ideia de escada também, escada que são degraus. Entendeu? São degraus! Então, esse símbolo ele vem daí pensando nessa ideia que a gente vai subir degraus dois, três, quatro, cinco e vamo continuar subindo, né. Então, o nome ele tem esse lugar aí!

Então, no processo do grupo Batakerê a gente... já passou muita gente, né, no Batakerê. Muita gente passou porque o Batakerê é um grupo que as pessoas querem muito estar com a gente pela questão da energia que o grupo tem. Mas as pessoas elas vem, é e como todo trabalhador, né, pintam outras oportunidades, né, e as pessoas vão, né, às vezes por uma questão de sair da cidade ou um trabalho que pinta e a pessoa acaba indo. Então, o Batakerê já passaram várias

peessoas com a gente. Então, da fundação hoje é tem três pessoas, né, três pessoas que é a Silvana, né, na verdade, tem o Edson Jacaré que tá com a gente hoje e aí tem o Allan que é interessante, o Allan, que foi da primeira formação, mas o Allan, quando a gente ia estreiar o Batakerê, estreiar o Batakerê acabou saindo por várias questões pessoais, né, acabou saindo aí a gente convidou outra pessoas. Então, o Allan saiu antes da estreia e hoje o Allan voltou de novo, né. Então, se pensar aí na formação, né, inicial hoje nós temos aí quatro pessoas, né. Que é a Silvana, que é o Allan, que é o Edson Jacaré e eu, da primeira formação, né. E aí tem o Márcio Break, né, que também foi fundador também, o Márcio Break. O JE Tico, também é um grande artista também que não tá no Batakerê mais, mas tá junto! Eles estão comigo na capoeira, né, eu também sou o mestre de capoeira também. Então, ou seja, a gente não separa nunca cara, então, quem tá... quem foi da fundação tá ali, tá ali. A gente fala que é Batakerido, né, a gente sempre tá fazendo coisas juntos. Então, a gente entende que tamo junto, entendeu? Tá ali, tá ali!

E aí tem uma galera mais jovem, né, mais nova, né. Então, tem a galera é... é... da segunda geração, tem uma galera da terceira geração e hoje tem um povo da quarta geração. Entendeu? Então, o Batakerê hoje nós estamos assim com vinte e uma pessoas, né, vinte e uma pessoas que se divide. Então, nós temos, por exemplo, três trabalhos, né, nós temos um trabalho chamado “Cânticos que cantam”, né, que nós somos em quatro, aí que é um trabalho mais musical, né, ali infantil ali, né, entre pais e filhos, né. Nós temos um outro chamado “o que é som elenco”, né, que é corpo de dança, que a gente fala na verdade chamado “Som elenco”, aí nós somos em dez ou onze pessoas, onze pessoas, né, som elenco, que aí é o trabalho mais da dança, né, é o trabalho do espetáculo de dança. E agora nós temos o Bloco Batakerê, né. Então, e aí o Bloco Batakerê tem uma galera que não é da dança, é só do bloco e tem o povo da dança que toca no bloco também, entendeu? Então, é uma mistura gente é... Imagina um caldeirão de feijoada? Todo mundo circula, né, em muitos lugares com o Batakerê, né, então, porque a gente sempre teve nesse lugar do pessoal do grupo, né, não ficar “ah, eu sou só da dança”, né. A gente sempre procura que as pessoas toquem, que elas dancem, que elas cantem, né, está sempre estimulando a ideia inicial do Batakerê, né, que é um trabalho de artes integradas, né. Então, no Batakerê a galera que dança também toca percussão também nos cortejos que faz e tal. Então, o grupo ele... ele... ele... ele... ele permeia por aí, né, de dançarino, percussionista, né, então o grupo ele... ele... a gente consegue ver uma forma de interligar essas pessoas, né.

O Batakerê, como eu falei, surge em São Miguel, mas o Batakerê a gente já circulou em muitos lugares. Hoje nós não estamos mais em São Miguel, né, e hoje o Batakerê tem vários parceiros,

né. Então, a gente já usou o CEU São Carlos, né, nós é... o NUA, né, Instituto NUA, eles atuam no Pantanal, né, aqui na União de Vila Nova, o centro de educação, né, que é o espaço que a gente sempre usou bastante também, né, que é aqui mesmo na comunidade. Nós temos uma parceria com o Adebankê, né, que é o espaço lá em Artur Alvim, que lá a gente ensaia também, né, lá também e tal. Então, nós temos vários parceiros, hoje parceiras que a gente circula por esses lugares, né. Agora o Batakerê atualmente nós estamos com o espaço aqui dentro da Santa Inês, né, que é o nosso objetivo maior do Batakerê é a gente se tornar uma grande fundação, né, uma associação, um espaço cultural, né, dentro da comunidade, né, com dança, música, que a gente monte espetáculo que a gente tenha... que proporcione pra outros jovens também aqui na comunidade aquilo que a gente vivenciou e que a gente aprendeu, né, dentro do Batakerê, sabe? A gente quer proporcionar isso!

Então, o Batakerê hoje a gente tá atuando, né, nós estamos enraizados hoje dentro da Santa Inês, nesse espaço, né, chamado “Espaço de Nós pra Nós”, né, que é o espaço cedido pelo Centro de Educação, que é a ONG que eu comecei aqui dentro, né. Vê que interessante, né, esse girar, né, a gente gira, gira, gira, gira e tá junto! Então, a gente começou aqui, né, em 1997, comecei a dar aula de capoeira, o Batakerê começou em 2003, né, e até hoje nós estamos juntos. Então, hoje, a gente em parceria com o centro de educação, tá usando o espaço, o espaço que o Batakerê possa desenvolver seus projetos, né. E aí, aqui dentro da comunidade, hoje, nós temos é... aulas, né, de samba-rock, né, com a Janaína, né, temos dança de rua, né, com o Leandro, né, com o Kazão, com o Kazão, e percussão com o Bobby, né. E a nossa ideia agora é a gente conseguir ampliar mais aula dentro da comunidade, né. Aí veio a pandemia e a gente acabou parando. Mas essa atuação dentro da Santa Inês, né, com aulas direto mesmo a gente começou esse ano, né, a gente começou e teve que parar. Que o grupo já faz dentro da comunidade, mas coisas pontuais, né. Então, carnaval a gente fazia já, né, algum evento aqui dentro “No quintal”, né, que a gente chama “No quintal”, que é tipo como fosse um sarau que a gente chama quintal que a gente acha que tem mais a ver com a gente, né, com a nossa linguagem que a gente vem das danças afro, né, então a gente trabalha e fala muito do quintal, né, do terreiro, né. Então a gente chama quintal. Então, a gente já fazia essas coisas pontuais aqui na comunidade já, então, agora a gente tá querendo... a gente tá enraizado e tá desenvolvendo projetos, né, pra desenvolver com a comunidade, ou seja, a gente vem a cada dia estimulando, né, a comunidade, né, a participar, né, a fazer algo dessas artes, né, que não é fácil você conseguir trazer gente, né, mas a gente tá conseguindo de alguma forma é... é... proporcionar e estimular esse povo a fazer algo aqui com a gente que tá rolando bem legal, tá indo bem pra caramba, a gente tá conseguindo manter essa

relação com a comunidade, né, que é o que a gente mais quer, na verdade. Pra gente hoje, Batakerê, não tem sentido ficar fazendo evento na comunidade aonde o público, né, seja a maior parte de fora, né. Então, a gente tá sempre pensando em como a gente em fomentar muito mais aqui dentro, que as pessoas que assistem né sejam maioria ou meio a meio gente pessoas moradoras daqui de dentro da comunidade. Então a gente tá sempre pensando em como atingir essas pessoas, né, e aí está bem legal com esses eventos que a gente faz aqui dentro.

Hoje nós fazemos atividades aqui nesse espaço e também usamos a praça aqui ao lado pra fazer os nossos Quintais, né. Enfim, usamos becos, praças, a gente usa... na verdade a comunidade aqui a gente tá usando tudo e esse ano, se não voltar esse ano, ano que vem, nós temos projetos, né, a circular em várias vielas, vários becos, né, não ficar só nos pontos estratégicos que a gente já usa, né, mas usar outros becos. Nós temos projetos rolando pra isso que a gente vai desenvolver vários trabalhos é simultâneo mesmo em várias regiões dentro da comunidade pra poder trazer a comunidade cada vez mais para as atividades de culturas afro-brasileiras.

Oficialmente a gente já usava antes aquela que eu falei pontual. Mas agora oficialmente nós estamos aqui desde o começo do ano, né.

Então, é... dentro da comunidade, o Batakerê, nós temos vários parceiros aqui dentro, né. Então, nós temos o centro de educação, né, que é parceiro nosso desde quando a gente surge, né, desde quando eu venho pra cá. É... Tem o Varre Vila também, né, que é um projeto muito bom, maravilhoso, aqui dentro da comunidade também, né. São 100 pessoas que coordenam esse projeto, pessoas da comunidade, né, enfim. E aí sempre que esses grupos fazem eventos, por exemplo, a gente sempre tá participando do Batakerê, né. Então, a gente faz cortejo, teve uma vez que o Varre Vila fez uma ação aqui no bairro, aqui dentro, né, e aí ele convidou o Batakerê pra ir tocando e acompanhando as pessoas pra fazer a divulgação deles, né. Então, a gente tá fazendo atividades dentro dessa ideia de cortejo. Agora, no carnaval, é a época que o Batakerê, né, foca mais nesse cortejo que é um cortejo muito grande que a gente faz, né, pra poder atingir a comunidade toda, né. E aí em especial esse ano foi muito interessante o carnaval esse ano, 2020, né, que a gente homenageou três mulheres pretas aqui na ZL, né, porque o Batakerê entende que a coisa mais importante que mantém o Batakerê vivo até hoje, que não é fácil, né, consegui um trabalho, montar um trabalho e ter pessoas juntas há dezessete anos, né, jovens, que começaram e continuar até hoje, né. Então, muitas pessoas perguntam pra gente como que o Batakerê conseguiu, né, segurar esse povo até hoje, tá junto até hoje, né. E gente que chegou

e fica. Então, eu falo assim ó: com certeza é a relação que nós temos com as culturas africanas e afro-brasileira, né. Que é a questão da oralidade, a questão da afetividade, a questão do acolhimento e a questão de fato estar junto, né? Então, isso é muita cultura africana e afro-brasileira. Então, acho que como o Batakerê tem esse lugar, né, tem esse trabalho como base, como raiz é assim que a gente consegue manter as pessoas conosco até hoje, pessoas que saíram do Batakerê, mas tão em outro lugar, outro estado e tá conectada com a gente, entendeu? Tá conectado, sempre conectado!

Então, eu acho que um momento muito importante que a gente teve foi esse ano no carnaval, porque como eu falei a gente homenageou três mulheres pretas, né. Aí foi a mestra Soraia, Lelê de Oyá, grande mestra aqui da ZL. Importante falar: uma mulher guerreira que assume um trabalho de percussão muito importante. O Babalotim, né, que foi a Solange, né, do Babalotim, que é uma grande mestra que eu conheci a Solange desde quando eu cheguei em São Paulo, né, que eu era menino e eu participava de vários movimentos negros em São Paulo, né, em especial é na Cohab, Itaquera e Ermelino, e a Solange tava com o Babalotim ó mandando ver aqui na ZL. Então, nós homenageamos as duas mulheres, essas mulheres, e a Boneca que é uma moradora aqui da Santa Inês que é uma pessoa muito importante, uma mulher preta sabe resistente, de luta, né, que criou os filhos, criou os netos e tá aí em atividade, sempre alegre, né, sempre firme pra caramba. Então, a gente homenageou essas três mulheres. Então, nesse carnaval a gente conseguiu trazer vários coletivos da ZL: coletivo da Zona Sul, da Zona Norte, né, coletivos de vários lugares. A gente fez um carnaval muito bonito, muita gente, então. E aí a gente fez essa produção onde nós fizemos um quadro, né, que foi desenhado, pintado, né, com a figura de cada uma delas, né, e a gente entregou pra elas esses quadros, né, como uma homenagem pra elas e tal. Então, foi um carnaval muito bonito, muitos coletivos mesmo assim, sabe, não vou falar aqui senão vou acabar sendo injusto, né, que foram muitos, muitos coletivos da ZL. Então, foi um encontro muito importante e muitos coletivos que nunca tinham descido mesmo uma favela, sabe? Pra fazer um carnaval. Então, foi muito legal que muitos depois escreveram falando da importância que eles sentiram em falar “pô meu, carnaval tem que ter aqui dentro também, né?” É bom ter esse carnaval aqui dentro, né, que as pessoas saem, né, pra ir pra outros bairros, né, centro, Vila Madalena, mas que possa ir também. Eu não tenho nenhum problema com território, eu vou também, mas que a gente sabe que aqui também tem coisas interessantes, né. Então, acho que fazendo na comunidade Santa Inês sabendo que se faz carnaval aqui dentro é fantástico. Cada ano só enche mais, né. E nós queremos atingir aqui bicho, sabe, uma povaria e a comunidade muito grande e a gente vai conseguir. Então, pra mim

esse carnaval de 2020 foi um carnaval muito importante: muita gente preta! Muita mulher preta! Muito homem preto! Sabe né? A gente sabe muito bem que não é fácil, né. Hoje em dia é legar ter todo mundo inserido nas artes, na cultura, mas sabe muito bem que você ter um evento com muita gente preta não tá sendo fácil não. Então, a gente ficou muito feliz em ver nesse carnaval com tanta gente aí, né, preta nas frentes dos trabalhos, né, e se apresentando e curtindo. Foi muito bonito 2020! Pra mim isso marcou bastante!

E daí pro grupo também algumas questões marcantes, né, nós... é importante falar que foi: primeiro, né, foi a gente é... a nossa estreia como banda musical, né. Foi muito importante pra gente isso! Segundo, quando a gente é pegou o VAI, né, pela primeira vez foi muito importante pra gente: “nossa, pegamos um edital, né, caramba vai ter uma grana”, pra poder proporcionar, né, pra galera que trabalha uma graninha pra ajudar em casa e tal. Foi muito importante porque muitos jovens, né, como eu falei um pouco antes, é tem uma questão muito séria, né, financeiramente falando, né, da periferia. Começa a fazer 17 anos de idade, 18 anos, para! Né? Precisa trabalhar, né, ajudar a mãe dele em casa, o pai e tal, ajudar a família e se ajudar a ele também, então, muitos param de arte, né. Não conseguem dar continuidade, né. Então, quando a gente ganha esse dinheirinho, que foi pouco na época, mas que ajudou esses jovens, né, a ficarem um pouco mais, foi muito legal. É o segundo.... o terceiro depois foi... pegamos o VAI de novo que aí foi um trabalho que nós fizemos só com crianças de 08 a 12 anos de idade. E nós fizemos esse trabalho na favela em que eu morava chamada Sacolândia, né, morei lá na favela 15 anos, né. Então, eu queria muito fazer um projeto lá dentro e quando a gente ganha o VAI 2... o segundo VAI, né, que é o VAI 1, a gente fez o trabalho lá dentro da comunidade. Então, nós pegamos e meus filhos participaram, né, foi muito legal e fizemos chamado “Batakerê Mirim”, nessa época. Então, e aí é que foi interessante, porque os jovens que participaram do primeiro VAI que foram alunos da gente eles foi quem ajudaram, né, a... a... a... a dar oficinas, entendeu, pra essas crianças, entendeu? Então seja: multiplicadores, né. Então, o Batakerê tem esse lugar muito de trabalhar essa coisa dos agentes multiplicadores. Foi muito legal porque esses jovens que começaram no VAI já ajudaram a gente com esse segundo VAI, né. Então, foi muito legal ver eles falando, né, falando da história deles, né, ensinando, então, foi muito gostoso, então, essa foi uma vitória muito boa. Depois nós pegamos o PROAC, pegamos o PROAC, né, e aí foi quando a gente, né, montou o espetáculo “Girar”. E aí porque que é importante falar disso? Porque o Girar ele veio numa ideia de... de ligações entre as culturas Bantu, né. E a gente falou “meu a gente precisa pensar alguma coisa que essas culturas dialoguem entre elas e não se afastem”, entendeu? Então, a gente colocou que o Girar tem uma

dramaturgia, a gente pensou assim: capoeiristas que se conheceram em vários lugares, né, capoeiristas. Capoeira tem um poder muito forte, né, a roda de capoeira é pra mim um ponto de encontro inexplicável, porque ali tem de pedreiro, né, tem o doutor, tem o advogado, tem o funileiro, tem o... enfim, tem de tudo ali dentro da roda de capoeira. Então, pra mim a roda de capoeira ela é o espaço muito... muito... muito... muito interessante que as pessoas se encontram pra isso. Então, na dramaturgia do Girar a gente pega a capoeira nesse lugar, entendeu? Da dramaturgia. Então, ela que ligou essas pessoas. E o que acontece depois? Essas pessoas vão embora pro seus lugares e aí se constrói, constrói, né, a história deles, né. Então, por exemplo, então eu sou o capoeirista aí eu moro no Maranhão, então, eu sei o boi. Entendeu? E sei o Tambor de Crioula, e fui andar por aí. Ah, o cara da Bahia, eu sou capoeirista e tenho o samba de roda, ah o fulano aqui de São Paulo, do Sudeste, eu sou capoeirista e tenho um jongo, entendeu? Depois as pessoas se encontram... essa é a ideia, né, se conheceram aqui na roda de capoeira, foram embora. Aí cada um teve a sua história, né, faz a capoeira lá com a arte e com a dança. Depois, junta de novo pra trocar as experiências. Então, a pessoa do jongo vai ensinar pro samba de roda o jongo, né, e o samba de roda... nessa ideia da transmissão, da oralidade, dessa... da gente não se afastar, da gente falar “ah, o jongo tá, não sei o que, é melhor”. Não, não, é tudo do povo, do povo preto. É tudo cultura preta. Vamo sentar e vamo ensinar um pro outro, né. Então, o Girar vem nessa ideia de girar o conhecimento, entende? Por isso que esse nome é Girar: girar o conhecimento e numa metáfora também de girar o mundo e depois retornar. Então, pra fechar o que nós estamos fazendo aqui hoje com o Batakerê aqui dentro desse espaço foi o Girar, entendeu? Qual a ideia? O Batakerê circulou por aí e agora a gente retorna, entendeu? Pra cá! Que é o que a gente mais queria. Então, o Batakerê a gente fez, a gente andou muito por aí. Eu falo assim “andou muito, mas sem perder a base, sempre a gente teve o cuidado de não perder a base, sempre a gente manteve a relação com as comunidades e com a periferia de São Paulo, né, a gente girou muito por aí e agora a gente volta. Volta assim com o trabalho enraizado aqui dentro. Então, isso que é muito legal falar também desse...

O Girar deve ter uns 6 anos, né, que nós construímos. Ah, então, tem o PROAC que nós construímos o Girar. Depois nós conseguiu, só pra poder fechar aqui rapidão, depois a gente conseguiu pegar o VAI 2. No VAI 2 nós conseguimos é... um espaço que a gente tanto queria, que foi em Ermelino Matarazzo, também um espaço muito grande que a gente conseguiu ficar com ele um ano, depois acabou e a gente teve que entregar, né. Aí, posso até responder também um pouco já falando, de um ponto que foi difícil pro grupo, né, quando a gente tava sem edital nenhum e a gente tava sem espaço nenhum, né. Esse espaço aqui na verdade ele tava sendo

ocupado, né. E a gente não conseguiu as vezes outros lugares, né. Então, a gente ficou sem grana. E aí a felicidade, nossa grande pra caramba também, foi que nós pegamos em 2018 o Fomento pela Periferia, né. Isso foi muito legal porque a gente conseguiu de alguma forma ajudar o grupo, o elenco financeiramente, né, com ajuda de custo, e também conseguimos trazer alguns mestres, né, pra trabalhar com a gente e nos orientar, né, deram vivência pra gente, né, porque a gente sempre tá preservando a relação com os mestres, sabe? O Batakerê a gente sempre procura muito isso, né, os mestres e as mestras, né, que detêm o conhecimento a gente tem o respeito muito grande e tá sempre trazendo, né. Com o fomento a gente conseguiu fazer isso, né. Aí então você usa os mestres, os mestres deram oficina pra gente, a gente conseguiu... aí fizemos os Quintais. E aí... olha a minha felicidade, né, dentro disso também, desse fomento, né... o que foi os Quintais que a gente colocou dentro do projeto?

Por exemplo, o Bobby, né, começou no Batakerê com 12 anos de idade. Começou comigo com 12 anos de idade. A Cintia também, todo mundo começou bem jovem. E muitos pais não acreditavam, não acreditavam né. E aí, enfim, aí a gente passou por várias questões de os pais não quererem e tal, não acreditavam, e a comunidade também não. Então, quando a gente monta o “Girança”, que foi que a gente foi o que a gente mandou pro fomento, foi na ideia da gente voltar pras casas deles, entendeu? Então, a gente apresentamos na rua deles, na casa e no quintal mesmo. Então, chama “Nos Quintais de Batakerê”. Então, qual foi a ideia? Era que as pessoas que viram eles crescerem com isso, mas essas pessoa também não conseguem assistir, né, que eles estão sempre fora, que eles vissem como eles estão hoje, o que eles estão fazendo. Então, foi muito legal a ideia do Girança, por isso chama Girança, né. Girança, entende? Girar e a girança, né. Então, foi muito legal porque muitos familiares viram, né, assistiram “nossa...”, não tinham noção como esses jovens estavam, né. Então, foi muito importante pra gente esse projeto por isso, principalmente de retorno pra casa deles pra mostrarem o que eles estão fazendo, porque às vezes os pais não vão, né, devido um monte de coisas, né. Então, que a gente foi até eles. Então, foi muito legal porque quando chegava na casa, não era só chegar na casa e apresentar, a gente chegava cedo, a gente comia, não era Bobby? Comia, a mãe ia ver se o pai fazia o almoço, então teve todo esquema de acolhimento que é da cultura africana. Cultura africana e afro-brasileira, OK: prepara o quintal pra receber as pessoas, né. Cê vai pro jongo, como é que é o jongo? Né, às vezes os mestres prepara a lenha, a comida, então, tem todo um preparo pra receber as pessoas, preparar o terreiro, né. Acho que isso daí foi muito importante. Quando a gente vai pra casa deles, né, e seus pais nos recebem, né, com todo esse acolhimento, foi muito importante. A gente comia, almoçava, tomava café e pá, pá, pá. Foi muito bacana, né.

Então, circulou nas casas ali e fizemos sete quintais do Batakerê na casa deles, né. A gente foi fazendo o quintal e foi muito bacana!

E aí, pra fechar, foi a nossa festa de quinze anos, né. Então, dentro do Girança, né, do fomento, né, tinha é... é... é... a festa do Batakerê de quinze anos de idade, de quinze anos, então nós fizemos um cortejo maravilhoso lá na Botelho Sul, onde nós alugamos o espaço, né, pra ser a sede do Batakerê, durante esse projeto, né, de um ano, e foi muito legal, a gente fez um cortejo, aí eu passei, nós passamos, no Quilombo onde eu comecei no movimento negro, entendeu? Quando eu cheguei em São Paulo. Tem toda uma história, né, de... de... de como fechamento do projeto muito interessante que é a ideia de novo de quê? Do Girar, a gente girou, girou e aí nós fechamos o evento, né, fechamos o evento, né, no Quilombo onde eu comecei junto com as minhas mestras que são as pretas Bás do Adebankê. Que foram as minhas mestras, né, em 1989, momento negro, e elas estavam juntas agora que a gente se reencontrou e tá junto de novo. Então, foi muito importante esse encontro pra gente porque nos proporcionou, né, a rever muitas coisas aí pelo gás, né, na casa da galera do grupo, né, que a gente também não conseguiria ir, compramos uma van, a gente ia com uma van do Batakerê, dentro do projeto a gente colocou uma van pra comprar, a gente ia com a van do Batakerê e era a condição que a gente queria né, entendeu? Ter um carro nosso, ir pros lugares, visitar familiares, e pra fechar tudo mesmo, a gente fez o documentário, documentário de 15 anos do Batakerê. Aí coloquei... foi todo... aí foi o final, o documentário porque a gente pegou todo o processo do projeto. Aí fechamos com o documentário Girança do Batakerê que conta a nossa história, né, e antes a gente apresentou em vários lugares o Girança, né, o documentário, que a gente quer voltar agora a conseguir a apresentar ele mais, a divulgar mais ele.

Então, gente, é muita história e tudo isso, com certeza é a nossa oralidade, né, que nos fortalece pra caramba e que o Batakerê defende muito mesmo que é sempre estar em contato com as mestras e os mestres, né, e nossos parentes, né, e familiares, né. A minha mãe pra mim é a mulher da minha vida porque é a pessoa que eu referenciava nisso, né, tenho foto com minha mãe sambando cara de roda na Bahia de vinte anos atrás, né, que só quem vivenciou e vivencia essa coisa original, né, original no sentido de real, né, não é uma pesquisa que eu faço, né, vou lá pesquisar, a gente vivenciar, vivencia, isso pra mim é o que mais fortalece o Batakerê, é o que mais nos mantém vivos até hoje. Essa relação entre o urbano e o rural, né, mas aonde o rural ele tem mais força. O rural ele é que nos alimenta. Tem até uma música minha que fala assim ó, chama “Galo cantou”, né, que fala “quando cansados da zuada vamos pra lá ouvir o galo cantar”. Quer dizer o quê com isso? Que a gente vive aqui na loucura, né, e a gente fala

“nossa, eu preciso ir pro interior” ouvir, né, bichos, ver mato, então acho que é um pouco esse lugar que o Batakerê tem como metáfora, né, que é o nosso alimento, né, são os nossos ancestrais, nossos mestres e mestras, né, esse lugar distante que é o interior. Esse povo, né, se mantém lá firme. Então, é isso que nos mantém vivo até hoje.

Eu agradeço a todos orixás, né, nossos ancestrais, né, porque eu vivo da arte, eu vivo da arte, né. O Batakerê hoje dá um retorno bacana pra gente também, né, pra mim também, que é o Batakerê, mas eu trabalho por outras questões, né, eu dou aula de capoeira, também né, sou mestre de capoeira. Trabalho com vários coletivos de dança em São Paulo, né, como preparador corporal, né, através da capoeira angola e da musicalidade, da dança, né, afro-brasileira. Eu trabalho com vários coletivos em São Paulo, né, então hoje eu trabalho com arte e sou feliz, não tenho que reclamar não porque a arte já me deu muita coisa boa, me dá ainda. Mesmo nesse momento de pandemia, entrando já nesse assunto, né, eu queria falar que foi muito importante a relação do Batakerê, né, por tudo isso que eu falei antes, né. Tudo o que eu falei antes tem muito a ver com a relação é com as pessoas. Então, assim, nessa pandemia, por exemplo, muitas coisas aconteceram boas pro Batakerê. Então, por exemplo, a gente... Nós fizemos várias campanhas, né, pra ajudar a comunidade e aí, de novo, vou voltar agora aqui de lá no começo que eu falei sobre a ideia de ser famoso, né. Então, hoje o Batakerê com o nome que nós temos, a gente conseguiu muitas coisas pra ajudar a comunidade, né, nesse momento de pandemia. Fizemos campanha, conseguimos dinheiro pra comprar... né Bobby... a gente teve o marmitex, a gente... cesta básica, é kit limpeza/higiene, máscaras, né, conseguimos dar uma verba para alguns moradores daqui de dentro, né, que, por exemplo, a gente ganhou o edital, escreveu, né, e a gente pegou uma grana bacana e a gente conseguiu ir pra comunidade fazer marmitex e o dinheiro circulou aqui dentro, né. Pessoas que ajudou a gente pra caramba aqui no processo de entregar cesta básica, né, na produção, a gente conseguiu uma verba e as pessoas também ganharam um dinheirinho e são todos moradores e moradoras aqui de dentro, né. Sabe?

Então, eu acho que é... quando a gente fala do Batakerê, né, quanto tem um nome, nesse momento a gente de fato usar o nome pra isso, né? Pra ajudar a comunidade, pra ajudar a gente, né. Então, acho que nessa pandemia o Batakerê a gente falou “ó, estamos no caminho certo”, né. A gente não perdeu a base, a gente mantém esse lugar de tá com as pessoas de uma forma, né. Então, é isso que o grupo se apega, né. Aí é isso também que a gente fala assim poxa, né, tudo isso que nossos mestres falam pra gente, né, de... de... de fato tá junto, de fato transmitir o conhecimento e o carinho, é o que a gente acredita. Acho que pra gente, nessa pandemia gente, vou falar pra vocês assim, tem muita coisa ruim rolando, mas também muitas coisas boas

aconteceram em parcerias com o Batakerê que a gente fala “poxa, vale a pena continuar”, né. Nós estamos no caminho certo, né. Então, acho que a gente só firmou aquilo que a gente acredita, né, no trabalho social. Porque é isso, o Batakerê a gente tem nossa frente artística, né, que não se desliga do social, não tem como. Não tem como o Batakerê a gente se desligar, não tem como, porque a gente vem desse lugar, né. Todos jovens, né, como o Bobby colocou aqui antes, né, que começam a bater com 12 anos de idade, passaram pelo processo que eu passei, né, de dificuldades. Então, não tem como eu desligar, né. O artista, né, talvez na cena, o artista consiga desligar na cena, mas no dia-a-dia não dá pra desligar, sabe? É tudo muito interligado, né. Então, o Batakerê não consegue ter um trabalho aonde não seja junto, sabe, essa questão social com a comunidade e também o campo profissional. Até quando a gente faz uma ação artística aqui dentro, a gente não precisa desligar, sabe? Chega alguém “entra no meio”, sabe? E aí tem uma cena que eu gostaria de falar sobre isso, rapidão, que é a mesma cena que a gente fez no espetáculo, do Girar, né, e aí tem uma cena do Girar que a gente faz o jogo de capoeira chamado “Apanha a laranja no chão tico-tico”, né. Que é o capoeirista, dois capoeiristas e uma mulher, eles vão jogar e tenta pegar o dinheiro com a boca. Era uma forma que os capoeiristas tinham antigamente de conseguir ganhar uma grana na roda de capoeira na rua. As pessoas jogavam o dinheiro e a performance artística era o quê? Quem pegasse o dinheiro com a boca sem... com a perna pra cima. Não era assim baixar e pegar, era jogando, fazer uma maneira, por exemplo, de por a cabeça e pegar o dinheiro com a boca, né. Essa era a cena, né. Essa era a cena. E aí a gente tem essa cena no espetáculo. Aí quando rolou uma grana bacana... e aí tinha uma pessoa em situação de rua, né, que tava ali junto, né Bobby, tal a tal, participa tudo perto da gente tudo, tal e tal. E no final o Batakerê decidiu que esse dinheiro eles iam dar pra essa pessoa, né. Entendeu? O dinheiro, sabe?

E aí algumas pessoas nossas que tavam no Batakerê falavam “caramba meu”, gente nova do Batakerê que chegou, né, a ingressar no grupo há pouco tempo, falou “caramba, realmente o Batakerê faz aquilo que fala, né cara”. Entendeu, então foi muito legal essa cena que eu fiz. Eu não tava, fiquei sabendo, então isso é muito Batakerê, sabe, da gente realmente integrar as pessoas e a gente vem desse lugar, né bicho, não tem como, né, não tem como. A gente já fez trabalho de um cara entrar dançando lá e o pessoal querer tira fila, não. Deixa o rapaz, deixa ele pensar, né Bobby, a gente faz as coisas na rua e em teatro que o cara tá lá chapado e aí vem o produtor “tira”, eu falei “não, deixa rolar isso! É isso!” A arte de rua cara, né, mesmo estando dentro de teatro, né, ou em espaço fechado, é arte de rua. Tocou tambor, meu amigo, tocou berimbau vai chegar gente, entendeu? Acho que é isso que o Batakerê preserva muito: tem a

questão cênica, mas não perder esses princípios básicos das culturas afro-brasileiras. Mesmo o olhar às vezes contemporâneo, né, que a gente tenta dialogar porque o Batakerê tem vários artistas, né, então eles bebem de vários lugares, né, os artistas do Batakerê, né. Teatro, dança, música e tal, circula muito por aí, então, na nossa produção artística... até que foi uma questão que eu que tava aí, né, perguntou... É... na questão artística a galera bebe desse lugar e quando traz pra cena, pra criação, vira tudo isso, né. Então, mesmo esse olhar contemporâneo a gente não perde isso!